



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

A CATEGORIA TEMPO EM AGOSTINHO, BAKHTIN E BENVENISTE: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS TEÓRICOS¹



TIME CATEGORY IN AUGUSTINE, BAKHTIN AND BENVENISTE: THEORETICAL APPROXIMATIONS AND DISTANCES

João Augusto Reich da SILVA
Patrícia da Silva VALÉRIO

Universidade de Passo Fundo, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 14/06/2019 • APROVADO EM 14/01/2020

Resumo

Neste artigo os pesquisadores buscam olhar para a singularidade da categoria tempo na linguagem sob o ponto de vista de três autores que abordam essa questão em seus estudos: Agostinho de Hipona (1980), Mikhail Bakhtin (2010; 2011) e Émile Benveniste (2005; 2006). Através de um recorte teórico-metodológico aplicado em suas obras, esta pesquisa, que se constitui como bibliográfica-descritiva, tem por objetivos conhecer e descrever o tratamento dado ao tempo no constructo teórico de cada autor para, por fim, analisá-los em conjunto quanto aos seus pontos de convergência e divergência, focalizando o papel do tempo na

produção de sentido no discurso. Desse modo, foi possível identificar aspectos em comum entre as teorias de Agostinho e Benveniste, enquanto os estudos de Bakhtin diferenciam-se, em razão da indissociabilidade entre os conceitos de tempo e de espaço (cronotopo).

Abstract

In this paper the researchers attempt to look to the specificity of the time category in the language, from the point of view of the authors who approach this matter in their studies: Augustine of Hippo (1980), Mikhail Bakhtin (2010, 2011) and Émile Benveniste (2005; 2006). This research that is constituted as bibliographical and descriptive, using a theoretical-methodological outline, has as goals to acknowledge and describe how each author deals with time in their theories so it is possible to analyse their texts in conjunction, recognizing their similarities and discrepancies, focusing on the role of time in the construction of meaning in the discourse. Thereby it was possible to identify the common aspects between Augustine and Benveniste, while Bakhtin's studies differ, due to the indissociable relation between the concepts of time and space (chronotope).

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Tempo. Enunciação. Agostinho. Bakhtin. Benveniste.

KEYWORDS: Language. Time. Enunciation. Augustine. Bakhtin. Benveniste.

Texto integral

Considerações iniciais

Sabendo que o tempo é categoria presente no constructo teórico de Agostinho de Hipona (1980), Mikhail Bakhtin (2010, 2011) e Émile Benveniste (2005; 2006), queremos investigar, por meio de uma pesquisa de caráter bibliográfico-descritivo, o que dizem tais autores sobre a categoria tempo e como cada estudo pode contribuir para entender os modos pelos quais se constitui o sentido no discurso. Buscamos, em um primeiro momento, conhecer e descrever a especificidade da categoria tempo nas teorias de Agostinho, Bakhtin e Benveniste, com vistas a analisar a singularidade que ela assume nas reflexões de cada um desses autores, para, por fim, descrever a natureza das relações entre suas teorias quanto ao estudo do tempo. Para cumprir a tarefa proposta, operamos um recorte na obra de cada autor, selecionando capítulos de suas obras nos quais o tempo é tema de suas reflexões.

Este artigo se divide em quatro seções, sendo que as três primeiras são dedicadas à descrição e análise da teoria de cada autor, identificando em cada uma o tratamento dado à categoria tempo no que diz respeito ao campo dos estudos linguísticos. Mais necessário ainda é um olhar para o tempo sob a perspectiva desses três autores em conjunto, reconhecendo suas particularidades

e possíveis semelhanças. Para este fim, reservamos a quarta seção, que trata das aproximações e afastamentos teóricos entre os estudos de Agostinho, Bakhtin e Benveniste.

1 O tempo em Agostinho de Hipona

Aurelius Augustinus (354 d.C. – 430 d.C.), popularmente conhecido como Santo Agostinho, foi um destacado bispo norte-africano, renomado pelo seu trabalho como filósofo, teólogo e escritor. Suas obras são de suma importância para o pensamento filosófico e religioso ocidental, a partir da Idade Média, pois “ninguém como ele tinha conseguido, na filosofia ligada ao cristianismo, atingir tal profundidade e amplitude de pensamento”, afirma Pessanha (1980, p.23).

Para nossa pesquisa, servimo-nos do livro XI, *O homem e o tempo*, um recorte da obra *As Confissões*, de Agostinho. É este o capítulo em que o filósofo hiponense questiona a natureza e as propriedades do tempo, expondo sua congruente reflexão sobre algo que apresenta dificuldades para ser esclarecido desde seu próprio conceito, como indaga o autor: “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei” (AGOSTINHO, 1980, p.218).

Em *O homem e o tempo*, identificamos uma noção de tempo ligada à ideia de continuidade, de fluxo ininterrupto, como nos mostra Agostinho:

Na eternidade, [...], nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. [...] o passado é impelido pelo futuro e [...] todo futuro está precedido dum passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam d’Aquele que sempre é presente. (AGOSTINHO, 1980, p.216).

Tem-se, desse modo, a ideia de tempo como sucessão, quando tratamos de passado e futuro, mas ao falarmos de eternidade a imagem que nos convém é a da perpétua imobilidade, que condiz ao presente que não se altera. O presente é a única instância que se mantém imóvel na linha de duração que, talvez erroneamente, denominamos tempo, uma vez que, seguindo a reflexão agostiniana, ainda não sabemos precisar a sua substância, apesar de sabermos do que tratamos ao falar sobre o tempo: da ideia de sucessividade.

Notadamente, Agostinho reconhece a experiência comum do tempo como passível de ser dividido em passado, presente e futuro. No entanto, sua análise vai além ao afirmar que a existência desses tempos é tão inconsistente a ponto de ser dubitável:

De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro – , se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o

pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa de sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser? (AGOSTINHO, 1980, p.218).

Segundo o autor, o passado *já não existe* por já ter decorrido e o futuro *ainda não existe* porque está por decorrer. Tendo constatado não ser possível determinar a realidade dos tempos passado e futuro, Agostinho lança seu olhar para o tempo presente, o único no qual poderíamos fazer repousar nossas angústias e incertezas sobre tal questão, visto que ele é o centro determinante da anterioridade e da posterioridade, daquilo que deixou de ser e do que virá a ser. Contudo, nem aí diminuem nossas inquietações.

Agostinho (1980) examina, gradualmente, se cem anos, um ano, um mês, um dia ou até mesmo uma hora podem ser considerados presentes, e conclui que o tempo presente não tem nenhum espaço mensurável, posto que nenhuma dessas medidas podem ser inteiramente presentes, pois quando no início de cada uma, todas as medidas futuras ainda não existem; se interpostas, as medidas anteriores já caíram na penumbra ao passar e as futuras continuam obscuras, já que não de acontecer; se na última medida, todas as outras são passadas. Assim, o presente se define como o tempo do inapreensível.

Todavia, medimos os tempos dizendo que uns são breves ou longos, que este durou mais do que aquele, fazemos comparações e distinções sem percebermos como se configura nossa ação: através da medida daquilo que já não existe e do que virá a existir. Percebemos o tempo quando ele está decorrendo, somente então podemos medi-lo (AGOSTINHO, 1980).

Uma vez determinada a inexistência dos tempos passado e futuro, e a impossibilidade de apreender a evanescência do tempo presente, perguntamo-nos como é possível recuperar eventos passados (que já não existem mais) e também antever eventos futuros (que não existem ainda)? Pois é inegável que tratamos, diariamente, dos acontecimentos passados e futuros. Ao que respondemos: somente através da linguagem, pois quando os fatos passados se tornam objeto de nossa descrição, atualizamos nossa *experiência* de ter vivido aqueles acontecimentos ao trazê-los ao presente através da recordação, graças à nossa memória. Como vemos em Agostinho (1980, p.220):

[...] a minha infância, que já não existe presentemente, existe no passado que já não é. Porém a sua imagem, quando a evoco e se torna objeto de alguma descrição, vejo-a no presente, porque ainda está na minha memória.

Semelhantemente, a predição das coisas futuras só se torna possível porque nos baseamos em coisas presentes “que já existem e se deixam observar”

(AGOSTINHO, 1980, p.221). O presente adquire, então, status diferenciado em relação aos outros tempos, pois é no presente que retomamos as coisas passadas e que vivenciamos os acontecimentos presentes, além de ser o tempo de onde despontam as esperanças sobre o futuro.

É preciso salientar que de nenhuma forma somos capazes de trazer de volta os acontecimentos em si, tal qual como se configuraram uma vez: o que nossa memória resgata é apenas nossa experiência de tê-los vivido. Como relata Agostinho (1980, p.219):

Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma série de vestígios.

A análise de Agostinho revela como nossa experiência com o tempo é fundamentalmente subjetiva, por vezes rodeada de incertezas que podem ser elucidadas por meio de conexões com outras áreas do saber (como a Metafísica, a Astronomia, a Psicologia, a Sociologia, etc.). Seus argumentos minuciosamente apresentados podem, em um primeiro momento, abalar nossas certezas acerca da existência e da configuração do tempo, mas não deixam de ter sua própria razão ao mostrar que o que chamamos de tempo pode ser apenas a imagem, a percepção que os acontecimentos deixam à sua passagem e que a única forma de nós recuperarmos ou antevermos esses momentos, é através de sua descrição, ou seja, através do uso da linguagem.

Após descrevermos sucintamente o estudo de Agostinho sobre o tempo, passamos a examinar a teoria bakhtiniana acerca da relação intrínseca entre tempo e espaço.

2 O tempo em Mikhail Bakhtin

Nascido em Orel, pequena cidade ao sul de Moscou, em 1895, Mikhail Mikhailovitch Bakhtin foi um filósofo renomado pela originalidade e abrangência de seus estudos sobre a linguagem, sempre adotados sob uma perspectiva filosófica. Por meio de um recorte feito na vasta literatura bakhtiniana, tomaremos conhecimento quanto ao conceito de cronotopo, buscando descrever a especificidade dessa teoria sobre o tempo.

Para tanto, trabalharemos com o terceiro capítulo da parte *O romance de educação e sua importância na história do realismo*, que consta em *Estética da Criação Verbal* (publicação póstuma de 1979, quatro anos após a morte de Bakhtin), respectivamente, *O tempo e o espaço nas obras de Goethe*. Reconhecemos o fato de este não ser o único² texto em que Bakhtin versa sobre a questão do tempo, porém, devido à extensão de sua obra, nos limitamos a trabalhar, no espaço

deste artigo, predominantemente com o capítulo supracitado, onde se encontram reflexões acerca do cronotopo literário.

Em capítulo específico dedicado à reflexão sobre esse conceito, Bakhtin (2010) resgata emprego anterior do termo cronotopo, introduzido e desenvolvido na teoria da relatividade de Einstein, quando correspondia à noção de “tempo-espaço” aplicado às ciências matemáticas. O filósofo russo mostra que esse conceito pode ser transposto para a crítica literária, pois assume significado fundamental para os gêneros artísticos, na medida em que estes revelam que “os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo” (BAKHTIN, 2010, p. 211). Ou seja, nos gêneros literários, ocorre uma fusão entre as relações espaciais e temporais, o que torna possível compreender as visões de mundo de diferentes culturas e sociedades.

Mikhail Bakhtin, um erudito e exímio leitor, encontrou na literatura do alemão Johann Wolfgang Von Goethe (autor de *Fausto*, *Os sofrimentos do jovem Werther*, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, entre outros livros) uma forma excepcional de cronotopo. Por esse motivo, o autor russo passou a examinar as particularidades do sentido do tempo em Goethe, evidenciando juntamente sua assimilação na literatura. A ideia fundamental de que trata o filósofo é a capacidade de vermos o tempo, de lermos o tempo no todo espacial do mundo e de vermos o espaço não como estático e acabado, mas como um todo em formação, um acontecimento. “É a capacidade de ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos)”, diz Bakhtin (2011, p.225, grifos do autor).

“Um dos pontos culminantes da visão do tempo histórico na literatura universal foi atingido por Goethe”, afirma ainda Bakhtin (2011, p.226), que começa a analisar então como “na obra desse autor, tempo e espaço são indissolúveis e concretos – um lugar geográfico preciso corresponde a um acontecimento histórico trabalhado pelo homem” (AMORIM, 2006, p.112).

Bakhtin (2011) nos conta que Goethe repudiava veementemente os chamados “fantasmas” do passado insulado que relação nenhuma mantinham com o presente. Por essa razão, em viagem à Sicília, o autor alemão proibiu que o guia turístico discorresse sobre as batalhas e façanhas que outrora Aníbal havia cometido no vale em que se encontravam. Para Goethe, já não havia nenhuma relação eficaz entre aqueles acontecimentos passados e o lugar em que ali estavam presentemente. Foi por isso que ele se deteve a examinar umas pedrinhas na beira do rio próximo, pois, segundo ele, essa era a forma mais rápida de conhecer a configuração de uma região montanhosa: pelos tipos de rochas arrastadas pelos riachos, que revelavam “uma noção integral sobre o caráter de toda região montanhosa e o passado necessário da terra” (BAKHTIN, 2011, p.235).

O que Goethe desejava ver eram “*os laços necessários* desse passado com o presente vivo, compreender o *lugar necessário* desse passado na *série contínua do desenvolvimento histórico*” (BAKHTIN, 2011, p.235, grifos do autor). Ele pôde contemplar esses aspectos em outra viagem, desta vez a Pirmont, em uma estrada que passava pelo vilarejo de Einbeck. Foi lá que o pai de *Fausto* encontrou não uma

mistura mecânica do passado com o presente, mas sim o lugar sólido e necessário de um acontecimento no tempo (BAKHTIN, 2011), como mostra o trecho a seguir:

[Em sua viagem a Einbeck] o olhar de Goethe logo percebe que cerca de trinta anos antes essa cidade tivera um excelente prefeito [...].

O que ele terá visto de especial? Viu muito verde, muitas árvores, percebeu seu caráter não usual, notou nelas um *vestígio de uma vontade humana única que agia de modo planejado*, e pela idade das árvores, que ele definiu aproximadamente de vista, percebeu o tempo em que essa vontade ativa foi realizada de forma planejada. (BAKHTIN, 2011, p.233, grifos do autor).

Somos levados a pensar que Goethe viu algo comum para a maioria e que por isso mesmo escapa ao nosso olhar, mas não ao dele; Bakhtin (2011, p.231-232) assegura que “Goethe tinha um olhar refinado para todos os indícios e sinais visíveis [do tempo] na natureza”. O escritor viu, muito provavelmente, como as árvores já com certa idade, crescidas, altas e robustas, estavam dispostas de maneira não usual, de forma que desafia a arbitrariedade da própria natureza. Sua organização no espaço e semelhança etária (que implicaria terem sido plantadas na mesma época) o fez crer que isso só poderia ter sido fruto da ação humana cuidadosamente planejada. Atribuiu a decisão de plantar aquelas árvores ao prefeito da cidade e calculou, pela idade delas, há quanto tempo atrás essa atitude humana teria sido tomada. Foi assim que Goethe viu o tempo no espaço, como indissociáveis, pois o espaço está saturado de tempo, que o preenche e o modifica.

Mikhail Bakhtin traz à tona um dos conceitos-chave de sua ampla teoria filosófica-linguística na análise da obra do escritor alemão Johann Goethe: o cronotopo, conceito que segundo Amorim (2011, p.105), trata de uma produção da história e “designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde as várias histórias se contam ou se escrevem”. A habilidade de ver o tempo no espaço, em sua completude devido ao passado eficaz no presente e influenciador do futuro, foi bem utilizada por Goethe em seus livros, é o que nos permite afirmar a leitura de Bakhtin. Interessa-nos destacar que o filósofo parte do estudo do texto literário para fazer notar como se configura o cronotopo em diversos tipos de romance. Reconhecemos que o conceito não se restringe à literatura, mas encontra nela seu lugar por excelência. É essa uma visão distinta de como o tempo se manifesta pela linguagem: indissociavelmente ligado ao espaço e como espelho das concepções de mundo e de homem que o envolvem.

Posteriormente à análise concisa do cronotopo bakhtiniano, um conceito de tempo desenvolvido nos moldes de uma filosofia da linguagem, vejamos agora três conceitos distintos de tempo, sob o ponto de vista da linguística da enunciação benvenistiana.

3 O tempo em Émile Benveniste

Nascido em Aleppo, na Síria, mas naturalizado francês, Émile Benveniste é reconhecido por seu pioneirismo no campo dos estudos enunciativos (não por uma questão temporal, pois Charles Bally, Mikhail Bakhtin e Valentin Voloshinov já haviam tratado de enunciação bem antes de Benveniste), mas sim pela generalidade que propõe (FLORES; TEIXEIRA. 2011). Segundo os autores,

sua reflexão sobre a enunciação é inspiradora porque ela é gestada a partir de um profundo diálogo com outras áreas (antropologia, psicanálise, sociologia e filosofia, principalmente) e em direção a perspectivas linguísticas ainda não vislumbradas. (FLORES; TEIXEIRA. 2011. p.408).

Tendo em vista a extensão de sua obra, com a rica variedade de temas que abarca, e para nos mantermos alinhados com nosso objetivo (que é o de conhecer, no constructo teórico de cada autor, o tratamento dado à categoria tempo inscrito na linguagem), trabalharemos com capítulos selecionados dos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral* (doravante, PLG I e II), de Benveniste. Temos como critério de seleção os textos em que o tempo é contemplado nas análises do autor, assim como outros textos que tratem de aspectos relativos à enunciação e que sirvam para aprimorar nosso estudo e compreensão sobre o tema.

Antes, porém, é necessário deixar claro o que entendemos aqui por *enunciação*, com base na obra do linguista sírio – sempre atentos ao fato de que Benveniste construiu essa noção ao longo de 40 anos e que termos como esse adquirem novos sentidos em diferentes textos ao longo do tempo, como alertam Flores et al. (2009). É preciso ter em mente que a enunciação – que compreende a “colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (FLORES et al., 2009, p.102) –, pressupõe três categorias que só existem em conjunto e que possuem cada uma aspectos singulares a serem observados e analisados: estamos falando das categorias de pessoa, espaço e tempo. Conforme Flores e Teixeira (2012, p.100):

A enunciação é sempre única e irrepitível, porque a cada vez que a língua é enunciada tem-se condições de tempo (agora), espaço (aqui) e pessoa (eu/tu) singulares. [...] É da ordem do repetível apenas a organização da língua.

Logo, compreendemos que por trás de toda enunciação há um sujeito que se enuncia, se referindo a ele mesmo como *eu* em seu discurso, e que, a cada vez que o faz, atualiza as categorias de pessoa, espaço e tempo. Especialmente, o tempo é sempre outro, um momento ainda não vivido, o que confere à enunciação uma de suas características mais marcantes: a irrepitibilidade. Benveniste trata dessa e de outras questões relativas em capítulo de PLG II, intitulado *A linguagem e a experiência humana* (1965), onde descreve e analisa três diferentes conceitos de

tempo, também tecendo considerações acerca da categoria de pessoa. Sendo assim, o autor inicia com a descrição de dois tempos que toma como bem conhecidos por todos, o tempo físico e o tempo crônico, para só então se debruçar sobre o tempo linguístico, principal alvo de sua reflexão.

Segundo o linguista sírio, o tempo físico é esse “contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade” de que todos temos conhecimento, pois “ele tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior” (BENVENISTE, 2006a, p.71).

Já o tempo cronológico representa a “continuidade em que se dispõem em série estes blocos distintos que são os acontecimentos” (BENVENISTE, 2006a, p.71) e é o tempo de que tratamos mais comumente no nosso cotidiano, pois engloba nossa vida enquanto série de acontecimentos. Como aponta Benveniste (2006a), todas as sociedades e culturas em todas as épocas buscaram reificar o tempo crônico: notamos isso claramente na organização dos calendários, que são uma forma de nos orientarmos no tempo em relação aos acontecimentos. Para tanto, são necessárias três condições: *estativa*, *diretiva* e *mensurativa*. Elas dizem respeito, respectivamente, à fixação de um acontecimento axial (de grande importância e que se admite ter dado às coisas uma nova direção) que fornece o ponto zero do cômputo, determinando momentos anteriores ou posteriores à sua realização que podem ser medidos de um lado e de outro a partir do eixo de referência (o acontecimento).

Após descrever brevemente as características do tempo físico e do tempo crônico, o linguista analisa cuidadosamente aquilo que considera o tempo específico da língua, que chama de tempo linguístico. É a esse conceito que damos enfoque em nosso trabalho, pois ele é fundamental para compreendermos como a experiência humana do tempo se manifesta na e pela linguagem.

De acordo com Émile Benveniste (2006a, p.74, grifos do autor), a singularidade do tempo linguístico reside no fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, de se definir e de se organizar como função do discurso, tendo seu “centro – um centro ao mesmo tempo gerador e axial – no *presente* da instância da fala”. Gerador, porque faz surgir duas outras visões sobre o tempo: retrospectiva (pretérito/passado) e prospectiva (futuro); axial, porque o presente linguístico serve como ponto de referência para nos dirigirmos a acontecimentos anteriores ou posteriores, relativamente a partir do eixo.

O presente linguístico é definido pela concomitância do acontecimento com a instância de discurso que o menciona. Desse modo, quando o acontecimento já deixou de ser simultâneo ao ato de fala, só é possível recuperá-lo pela memória através da própria enunciação e, por outro lado, se ele está por realizar-se, somente pode ser descrito por prospecção. Note-se que não há outra forma de se expressar o tempo em que se está senão tomando-o como o tempo em que se fala, pois esse é o tempo eternamente presente, afirma Benveniste (2005a).

Asseveramos, em concordância com Benveniste (2006a, p.71), que “nosso tempo vivido corre sem fim e sem retorno, é esta a experiência comum. Não reencontramos jamais nossa infância, nem o ontem, nem o instante que acaba de

passar”. Porém, existe a possibilidade de recuperarmos de alguma forma esses acontecimentos que têm suas raízes fixas no tempo físico/crônico e que não podem dele se apartar. É através da linguagem, e somente por meio dela, que o homem é capaz de reviver a experiência dos eventos que já se sucederam. Isso só é possível, consoante a Benveniste (2005b), na medida em que a linguagem reproduz a realidade pois ela reproduz o mundo *submetendo-o à sua própria organização*; com seu poder fundador, a linguagem “instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu”(BENVENISTE, 2005b, p.27).

Ainda tão singular e única é a condição do tempo na linguagem que Benveniste (2005c), em texto de 1959, *As relações de tempo no verbo francês*³ (publicado em PLG I), distingue em seu estudo sobre os tempos do verbo francês dois sistemas de emprego distintos e complementares, ambos em uso concorrente e disponíveis para cada locutor: manifestados em dois planos de enunciação diferentes, são eles o tempo do discurso e o tempo da história, que nos cabe distinguir brevemente de acordo com o mestre sírio.

Sumariamente, observamos que a enunciação⁴ histórica se caracteriza como a narrativa dos acontecimentos passados, pertencendo exclusivamente à língua escrita e imprimindo no leitor a ilusão de uma subjetividade inexistente, por calcar sua descrição nas formas de terceira pessoa, excluindo-se toda forma linguística “autobiográfica”. Como aponta Benveniste (2005c, p.262, grifos do autor), “o historiador não dirá jamais *eu* nem *tu* nem *aqui* nem *agora*, porque não tomará jamais o aparelho formal do discurso que consiste em primeiro lugar na relação *eu: tu*”. Na realidade, ele irá compor uma narrativa dos acontecimentos de modo que estes sejam (ou melhor, pareçam ser) apresentados como se produziram, à medida que apareceram no horizonte da história, quase como se eles narrassem a si mesmos, sem a intervenção de um narrador (BENVENISTE, 2005c).

Em contrapartida, a enunciação de discurso engloba tanto a língua escrita quanto a língua falada e se assenta justamente na subjetividade do locutor para se configurar em um plano distinto do histórico. Benveniste (2005c, p.267), ao tratar desse conceito, alerta que “é preciso entender discurso na sua mais ampla extensão: [como] toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo o outro”. Estamos tratando desde discursos orais, dos mais triviais ao mais ornamentados, até os discursos escritos que reproduzem ou tomam emprestadas as construções dos discursos orais.

De acordo com Benveniste (2005c, p.268), é pela escolha dos tempos do verbo que o discurso se distingue nitidamente da narrativa histórica, pois “o registro dos tempos verbais é muito mais amplo no discurso: de fato todos os tempos são possíveis, salvo um, o aoristo, banido hoje desse plano de enunciação enquanto é a forma típica da história”. Em contraposição a essa forma temporal – o aoristo – que é a marca da narrativa histórica, temos o perfeito, que

Estabelece um laço vivo entre o acontecimento passado e o presente no qual sua evocação se dá. É o tempo daquele que relata os fatos como testemunha, como participante; é, pois, também o tempo que escolherá todo aquele que quiser fazer repercutir até nós o acontecimento referido e ligá-lo ao nosso presente. (BENVENISTE, 2005c, p.270).

Assinalamos então, consoante a Benveniste (2005c, p.270), que “[...] a marca temporal do perfeito é o momento do discurso, enquanto a marca do aoristo é o momento do acontecimento”. Essas diferenças entre estes dois planos de enunciação – discursivo e histórico – não somente mostram as relações que organizam as diferentes formas temporais da língua como evidenciam a especificidade que a categoria tempo assume no discurso.

Fizemos notar como as formas da língua que expressam o tempo nascem do ato de enunciação e têm seu centro no sujeito que enuncia, naquele que fala. É por meio de sua fala que o sujeito toma a si mesmo como centro espacial-temporal em seu próprio discurso e define momentos passados, presentes e futuros, relativamente à concomitância ou não-concomitância dos acontecimentos descritos com o ato de fala que os descreve. Compreendemos também que esse ato só pode ocorrer em um único tempo, o presente, e que este é por natureza implícito – “quando ele é explicitado formalmente é por uma dessas redundâncias frequentes no uso cotidiano” (BENVENISTE, 2006a, p.75). Este presente, conforme Benveniste (2006a), se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente e engendrando momentos anteriores ao discurso que devem ser recuperados pela memória na descrição, e momentos posteriores que só podem se realizar enquanto prospecção, sem absoluta certeza. A essa instância temporal que surge somente através da enunciação e que é própria ao discurso, tendo seu centro no presente da instância da fala, damos o nome de tempo linguístico. Ele se distingue de todos os outros conceitos de tempo, justamente por ser um tempo inerente à língua, ao qual Benveniste descreveu e analisou em seus textos, revelando a condição única que a categoria tempo assume na língua/linguagem.

Uma vez descritas e analisadas as teorias de cada autor, passamos à tarefa de observá-las em conjunto, fazendo notar as possíveis relações que surgem entre elas.

4 Agostinho, Bakhtin e Benveniste: aproximações e afastamentos teóricos

Nesta seção, intentamos reconhecer entre as teorias dos três autores os pontos de convergência que nos permitem aproximar seu pensamento, bem como os pontos de divergência que singularizam suas reflexões.

Nossa descrição da natureza das relações entre as teorias abordadas nos capítulos anteriores se dará em dois momentos: 1) aproximações; 2) afastamentos; e abordará os aspectos essenciais dos estudos de cada autor, sendo que um exame

mais detalhado poderá ser encontrado na pesquisa maior que referimos inicialmente.

4.1 APROXIMAÇÕES

Em um primeiro momento, procuramos mapear alguns pontos de convergência entre as teorias alvo de nosso estudo, com base nos recortes teórico-metodológicos aplicados. Partimos do princípio de que os três autores, por um motivo ou por outro, dedicam no conjunto de sua obra um espaço especial para tratar sobre o tempo (um capítulo, principalmente), ainda que trabalhem com esse tema cada um à sua maneira. São diferentes os lugares de fala de cada teórico, assim como suas perspectivas; enquanto Benveniste se debruça sobre o tempo a partir da perspectiva linguística, Agostinho e Bakhtin o estudam sob a égide filosófica.

Vemos, então, como estes dois últimos autores, mesmo distantes um do outro (tanto temporalmente quanto geograficamente), se aproximam pelo campo em que podemos inseri-los: o da filosofia, ainda que Agostinho esteja associado à filosofia ligada ao cristianismo, e que Bakhtin constitua em seus estudos uma filosofia da linguagem.

Analisando o tratamento dado à categoria tempo nas reflexões dos autores, percebemos como em Benveniste e Agostinho, as visões sobre o tempo físico como móvel, infinito e linear parecem andar lado a lado. Estes também teorizam sobre passado, presente e futuro dando notória relevância ao presente, como tempo primeiro, único e fundador, pois não há como falar de tempos passados e futuros, sem primeiramente falarmos sobre o presente, que é propriamente “a origem do tempo”, como diz Benveniste (2006b, p.85).

O filósofo hiponense e o linguista sírio compartilham da certeza de que a única forma de recuperarmos os acontecimentos passados é através de sua descrição (ou seja, da linguagem), o que nos leva a reiterar: é a linguagem que permite ao homem reviver a *experiência* de ter vivido os eventos passados. Também é ela o único meio que o permite realizar conjecturas sobre o tempo que ainda não existe, o tempo futuro. Sobre esse aspecto, estão de acordo Agostinho e Benveniste: é o que podemos afirmar com base em nossas leituras.

Ainda sobre essa última questão, da possibilidade de antecipar o futuro pela prospecção, observamos que Bakhtin apresenta uma ligeira semelhança com o pensamento de Agostinho, quando este afirma:

“[...] as coisas futuras ainda não existem; e se ainda não existem, não existem presentemente. De modo algum podem ser vistas, se não existem. Mas *podem ser prognosticadas pelas coisas presentes que já existem e se deixam observar*”. (AGOSTINHO, 1980, p.221, grifos nossos).

Ao lermos esse trecho, não podemos deixar de resgatar a passagem descrita por Bakhtin, da viagem de Goethe pelo vilarejo de Einbeck, em que o autor alemão viu a vontade planejada do prefeito em plantar as árvores da cidade, o que lhe permitiu prever o futuro daquela região justamente pelo presente que já se deixava observar (as árvores plantadas e crescidas).

Por fim, atentamos para um dos mais relevantes aspectos em comum nas teorias sobre o tempo de Agostinho, Bakhtin e Benveniste. Os três autores, mesmo em seus diferentes pontos de vista, nos mostram que é na e pela linguagem que se revela fundamentalmente a experiência humana do tempo. Encontramos na língua as marcas do tempo feitas pelo sujeito que *vive* o tempo e que mobiliza esse sistema em uma temporalidade sempre nova e irrepetível, seja em cânticos e escrituras sagradas como nos mostra Agostinho; ou em textos literários, em diversos tipos de romance, como aponta Bakhtin; ou ainda em conversas do cotidiano, no discurso em suas diferentes manifestações, de acordo com Benveniste.

4.2 AFASTAMENTOS

Enquanto tratávamos dos aspectos semelhantes entre as teorias dos autores já citados, tornaram-se evidentes características díspares entre elas, algumas tão específicas que acabaram por determinar a originalidade do trabalho de cada teórico. São essas diferenças agora tema desta seção.

Ao longo de nosso estudo, foi possível perceber como o lugar de fala de cada autor foi definidor da singularidade de sua teoria. Agostinho escreve como quem compõe um sermão, com ostensivas referências religiosas, refletindo sobre os eventos comuns do cotidiano e os acontecimentos bíblicos, sendo seu texto entrecortado por súplicas e preces a Deus. Benveniste utiliza exemplos do sistema das línguas que conhece para explicar os fenômenos por ele apontados. São comuns em seus textos referências a sintagmas usuais do francês e de línguas como malagaxe e chinook.

Já Bakhtin apresenta sua teoria de um modo distinto: o filósofo russo olha para as marcas do tempo na língua por meio do *texto literário*. Não podemos negar que Benveniste (2005c, p.263) realizou tal operação, basta voltarmos ao texto de 1959, *As relações de tempo no verbo francês*, em que, ao distinguir a narrativa histórica da narrativa de discurso, o autor integra um breve trecho da “literatura de ficção”, a saber, um excerto de *Gambara*, novela de Honoré de Balzac.

Porém, observar-se-á que dentro dos limites impostos pelo recorte teórico por nós feito na obra de Benveniste, este é o único momento em que o linguista evoca o texto literário para compor sua reflexão. Em outros textos são reproduzidos trechos de obras de cunho teórico, bem como frases e diálogos rotineiros.

Mikhail Bakhtin também se distingue devido à visão singular em relação ao tempo: ele o considera, em conformidade com Goethe, como indissociável do

espaço, ou seja, todo acontecimento se dá em determinado tempo e em determinado espaço. Ainda, o filósofo russo trabalha com a ideia de que há a necessidade de um vínculo eficaz-criador entre passado, presente e futuro. À vista dessa relação de necessidade é que se tem a plenitude do tempo, quando o passado é criativamente eficaz, determinando o presente e fornecendo com este uma certa direção também para o futuro, afirma Bakhtin (2011).

Em suma, encontramos no pensamento de Bakhtin uma característica diferencial em relação às teorias agostiniana e benvenistiana. O filósofo realiza uma incursão na literatura de Johann Goethe para apontar o tratamento dado em suas obras ao cronotopo, a relação intrínseca entre tempo e espaço, algo que não encontramos nos textos de Agostinho e Benveniste, que, inclusive, ao contrário de Bakhtin, não fazem uso exclusivo de textos literários para abordar os conceitos que desejam elaborar.

Considerações finais

Os estudos realizados no projeto de pesquisa e investigação científica *Linguagem, tempo e sociedade* nos permitiram tomar conhecimento acerca da obra de Agostinho, Bakhtin e Benveniste, autores que produziram importantes reflexões sobre o tempo (um dos temas contemplados pelo projeto de pesquisa que empreendemos) e que poderiam contribuir, cada uma a sua maneira, para compreendermos como se configura a experiência humana do tempo na linguagem e os modos pelo quais se constitui o sentido no discurso.

Era preciso, primeiramente, conhecer a teoria de cada autor, com base em um recorte teórico-metodológico que tivesse como critério de seleção os textos em que os autores trabalham com a noção de tempo. Somente então poderíamos realizar o trabalho de estudar essas teorias em conjunto e fazer notar suas relações, pois imaginávamos que elas apresentariam semelhanças e diferenças importantes a serem destacadas.

Com base em nossos estudos, pudemos reconhecer a existência de pontos de convergência e de divergência entre as teorias de Agostinho, Bakhtin e Benveniste. Vimos como o pensamento de Agostinho e de Benveniste estão próximos entre si e afastados em relação ao de Bakhtin, que apresenta apenas uma ligeira correspondência com Agostinho em relação à previsibilidade do futuro pelo presente. Afora isso, o autor russo afasta-se dos dois, ao atrelar à ideia de tempo a ideia de espaço, fundindo-as no conceito de cronotopo (tempo-espaço), que é estudado e desenvolvido com base em obras literárias (como as de Goethe), um método de estudo não utilizado pelos outros dois teóricos. Em vista dos aspectos apresentados, reconhecemos o potencial de nosso estudo para outras abordagens, para pesquisas vindouras que possam, talvez, aumentar a abrangência de textos analisados, ou ainda que sejam realizadas com o apoio de outras áreas do saber que venham a contribuir para entender a relação entre tempo e homem, entre homem e linguagem.

Notas

1 O presente artigo é derivado de uma monografia que se originou e se desenvolveu no âmbito do projeto de pesquisa *Linguagem, tempo e sociedade*, coordenado pela Profa. Dra. Patrícia da Silva Valério, ao qual o pesquisador está associado como bolsista de Iniciação Científica.

2 Sabemos que o texto clássico em que a noção de cronotopo é discutida é *Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica)*, que consta na obra *Questões de literatura e estética (a teoria do romance)*.

3 Entendemos que em seu texto Benveniste está tratando especialmente da língua francesa (o que é compreensível, visto que ele foi um autor de origem síria, naturalizado na França), utilizando exemplos do sistema linguístico francês para demonstrar como se configuram os dois planos de enunciação (histórica e de discurso). Contudo, nosso objetivo ao trazer para esta pesquisa o estudo benvenistiano sobre as relações de tempo no verbo francês é, por ora, destacar exclusivamente as características específicas que a categoria tempo assume no discurso.

4 Valério (2015), com base na proposta de Flores para uma leitura de Benveniste que não considere os textos como contemporâneos um ao outro, chama atenção para o sentido que a palavra “enunciação” adquire ao longo de *As relações de tempo no verbo francês* (1959). Conforme aponta Valério (2015, p.70), “podemos observar que a palavra enunciação nos sintagmas adjetivados (histórica/do discurso) deve ser compreendida como enunciado, produto e não como ato de utilização da língua”. É preciso, pois, estarmos atentos às flutuações terminológicas na obra benvenistianiana, aos diferentes sentidos que um mesmo termo adquire em diferentes textos em anos e contextos diferentes, dentre outros aspectos que, como afirmam Flores e Teixeira (2009), colocam problemas ao leitor, sendo o principal de ordem nocional.

Referências

AGOSTINHO, Santo. O homem e o tempo. In: _____. *Confissões; De magistro = Do mestre*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.207-231.

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAITH, Beth. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p.94-114.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 6. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006a. p.68-80.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006b. p. 81-90.

_____. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005a. p.284-293.

_____. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005b. p.19-33.

_____. As relações de tempo no verbo francês. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005c. p.260-276.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.1, n.2, p.143-164, 2ª sem. 2009.

_____. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. *ReVEL*, v. 9, n. 16, p.406-425, 2011. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_16_entrevista.pdf. Acesso em: 4 jun. 2018.

_____. Questões-chave da linguística da enunciação. In: _____. *Introdução à linguística da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p.97-111.

PESSANHA, José Américo Motta. Vida e Obra. In: AGOSTINHO, S. *Confissões; De magistro = Do mestre*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.5-24.

VALÉRIO, Patrícia da Silva. O tempo em Benveniste. In: *Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação*. 2015. 194 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2015. p.67-80.

Para citar este artigo

SILVA, João Augusto Reich da; VALÉRIO, Patrícia da Silva. A categoria tempo em Agostinho, Bakhtin e Benveniste: aproximações e afastamentos teóricos. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 361-376, set.-dez. 2019.

Os autores

João Augusto Reich da Silva é acadêmico do curso de graduação em Letras, Português - Inglês e Respectivas Literaturas, da Universidade de Passo Fundo (UPF); bolsista PIBIC-UPF de Iniciação Científica.

Patrícia da Silva Valério é doutora em Linguística Aplicada pela Unisinos/RS (2015); professora do curso de graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF).